



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento – ICPD**

ELISBETE DA COSTA FERREIRA

**REFLEXÕES SOBRE O FEMININO:
O *desejo* na perspectiva psicanalítica**

**Brasília
2017**

ELISBETE DA COSTA FERREIRA

**REFLEXÕES SOBRE O FEMININO:
O *desejo* na perspectiva psicanalítica**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* Teorias Psicanalíticas.

Orientador: Prof. MCs. João Ronaldo Stemler

Brasília
2017

ELISBETE DA COSTA FERREIRA

**REFLEXÕES SOBRE O FEMININO:
O *desejo* na perspectiva psicanalítica**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* Teorias Psicanalíticas.

Orientador: Prof. MCs. João Ronaldo Stemler

Brasília, ____ de _____ de 2017.

Banca Examinadora

Prof. MCs. Rodrigo Macedo Alves
Membro Externo

Prof. Dr. Gilson Ciarallo
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Membro Interno

[Digite texto]

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas inúmeras possibilidades que nos concede para ir além. Minha gratidão por ter escutado Sua voz na fala de uma amiga “tem tudo a ver com você”. Agradeço por essa travessia entre mistérios conscientes e inconscientes, dos quais sustentam a minha experiência de fé.

A minha família pelo apoio na medida certa. Pela compreensão sem cobrança sobre o que eu faria com o fruto do conhecimento adquirido.

Aos mestres, sobretudo, aqueles inspiradores inatos e apaixonados pelo ofício de ensinar. De maneira particular, prof. João Ronaldo Stemler orientador tão capaz.

Aos amigos pelas partilhas críticas e curiosas sobre o universo da psicologia, pela força e palavras de ânimo.

“O que faço para ser capaz de amar aquela que afinal me revelou o seu desejo?”

Maria Rita Kehl

[Digite texto]

RESUMO

Na obra de Freud encontramos os fundamentos cruciais da estrutura histórica, posteriormente houve uma releitura com Lacan, com o cuidado de não alterar concepções importantes como o Complexo de Édipo e a castração. No entanto, Lacan e outros pós-freudianos puderam com novos construtos ampliar o universo da sexualidade feminina, tomando as históricas freudianas como as precursoras das questões sexuais reprimidas, embora o paradigma na atualidade toma novos caminhos. O presente trabalho aborda conceitos considerados importantes sobre o estudo do feminino e sua relação com o desejo. A maior parte da construção metodológica reporta Freud, iniciando com a apresentação dos estágios de desenvolvimento psicosssexual infantil. O desejo feminino é a matéria prima desta pesquisa, para possíveis entendimentos sobre a questão em voga é necessário elucidar os desdobramentos da dinâmica psíquica inconsciente. O intuito é apresentar os movimentos femininos surgidos desde o início da “*talking cure*” com as mulheres até sua escuta na contemporaneidade. Este trabalho é estruturado por discussões teórico-conceituais, intercalados por teóricos psicanalistas, na tentativa de desvendar conteúdos constitutivos na relação desejante com o outro. Por último é apresentada uma produção cinematográfica - o filme *The firefly*, tendo como personagens centrais duas mulheres, atravessadas por deslocamentos e desdobramentos, hipoteticamente, compreendidos sob a ótica psicanalítica.

Palavras-chave: Psicanálise. Histeria. Feminino. Desejo.

ABSTRACT

In Freud's work we find the crucial foundations of the hysterical structure, later there was a re-reading with Lacan, taking care not to alter important conceptions such as the Oedipus Complex and castration. However, Lacan and other post-Freudians were able to with new constructs broaden the universe of female sexuality, taking Freudian hysterics as the forerunners of repressed sexual issues, although the paradigm now takes new paths. The present work approaches concepts considered important on the study of the feminine and its relation with the desire. Most of the methodological construction reports Freud, beginning with the presentation of stages of child psychosexual development. The feminine desire is the raw material of this research, for possible understandings on the issue in vogue it is necessary to elucidate the unfolding of the unconscious psychic dynamics. The aim is to present the feminine movements that have arisen since the beginning of the "talking cure" with women until their listening in the contemporaneity. This work is structured by theoretical-conceptual discussions, interspersed by psychoanalytic theorists, in an attempt to unveil constitutive contents in the desire relationship with the other. Finally a film production is presented - the film *The firefly*, having as central personages two women, crossed by displacements and unfoldings, hypothetically, understood from the psychoanalytic point of view.

Key words: Psychoanalysis. Hysteria. Female. Desire.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 A SEXUALIDADE.....	12
1.1 Breve síntese da construção da sexualidade infantil	12
1.2 A dinâmica dos primeiros objetos sexuais.....	16
1.3 Os desdobramentos da sexualidade feminina.....	17
2 FUNDAMENTOS DA HISTERIA	21
2.1 A histeria como fenômeno da sexualidade	21
2.2 O caso Anna O.	24
3 A FEMINILIDADE	29
3.1 Um olhar sobre a mulher	29
3.2 O desejo e o gozo feminino.....	33
4 UMA FICÇÃO CINEMATOGRAFICA E A PSICANÁLISE.....	38
4.1 O filme <i>The firefly</i> sob a ótica psicanalítica	38
CONCLUSÃO.....	44
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

O que ainda se tem a falar das mulheres e sua sexualidade sendo que muito já fora dito, sobretudo, com Freud quando apresenta seus escritos produzidos a partir dos discursos das histéricas no divã? Talvez seja exatamente isso, um acervo sobre elas e muitas controvérsias a serem novamente retomadas.

O olhar deste trabalho está voltado para um possível entendimento da dinâmica psíquica da mulher, enquanto sujeito do seu próprio desejo e do desejo do desejo do outro, numa perspectiva psicanalítica.

Na tentativa de compreender os movimentos desta sexualidade feminina, na relação dinâmica com os desejos, confrontados por paradigmas e respondendo talvez algumas questões que emergem; destaca-se o feminino em meio a cultura. Cultura esta que parece dar sustentação as interrogativas constantes no campo da sexualidade.

Pois bem, a cultura tem uma forte influência e responsabilidade frente às escolhas das sexualidades, dos objetos relacionais e da legítima educação sexual transmitida pelos nossos pais. O fato é que há minimamente uma diferença biológica identificável no corpo de um homem e no corpo de uma mulher e essa espécie de marca impressa no corpo vai direcionar a construção do desejo (FREUD, 1901-5/1996).

A linguagem da cultura anterior à escolha humana não carece trabalho ao sujeito, pois lhe confere a direção a ser seguida e sua pertença ao mundo. Pronto, está o sujeito agora diferenciado simbolicamente de todas as outras

espécies. Entretanto, há um outro caminho a ser percorrido para o estabelecimento de sujeito sexuado – a travessia edípica proposta por Freud.

Essa travessia recebe destaque nas produções *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* de 1905 e, posteriormente *O caso do pequeno de Hans* de 1909 e juntas fazem pensar numa identificação sexual atravessada por conflitos psíquicos. Eis que Freud nos apresenta o sujeito da singularidade e da subjetividade confrontado adiante por tantas interpelações (FREUD, 1905/1909).

A proposta que se apresenta nesta monografia não é a de discutir incansavelmente as diferenças sexuais entre homem e mulher, no entanto, torna-se relevante trazer alguns apontamentos que os diferenciem de alguma maneira, já que houve propositadamente delimitação do tema – apresentar um pouco da sexualidade feminina, destacando a relação da mulher, seus desejos e o desejo sexual.

O primeiro capítulo alude brevemente a discussão histórica psicanalítica da sexualidade ainda na infância e parte para a fundamentação teórica a despeito da sexualidade feminina, sobretudo por meio dos conceitos inaugurais freudianos. A histeria apresentada no séc. XIX retrata a posição feminina frente aos seus desejos.

O segundo capítulo é construído por discussões acerca da feminilidade por seu conjunto de práticas e disposições afetivas; apontando alguns desdobramentos teóricos-conceituais surgidos no percurso histórico. As discussões em voga, contemplam a sexualidade feminina final do séc. XIX, início do século XX até chegar na contemporaneidade.

O terceiro capítulo é atravessado por uma vinheta clínica do filme *The firefly* uma produção fictícia cinematográfica colombiana de 2013, cujos os desdobramentos da trama são analisadas à luz da teoria psicanalítica. A intenção primeira é de evidenciar, hipoteticamente, as possíveis saídas do desejo feminino e não obstante das relações femininas construídas na contemporaneidade.

E por último é apresentada a discussão acerca dos conteúdos surgidos durante a construção do trabalho, com seus possíveis desdobramentos, deslocamentos, reflexões e questionamentos. Provocando talvez, respeitosamente, alguns incômodos pessoais por parte de seus leitores.

Como metodologia utilizo da discussão teórico-conceitual apresentada inicialmente por Sigmund Freud – inaugurando no campo da ciência psicanalítica os estudos sobre a sexualidade. As escolhas posteriores contemplam Jacques Lacan, Françoise Dolto e teóricos da psicanálise contemporânea interessados no assunto, como Maria Rita Kehl, Ângela Maria Menezes de Almeida e Christian Ingo Lenz Dunker, dentre outros.

Assim, este estudo visa oferecer contribuições ao universo acadêmico através do ponto de vista dos teóricos adotados nesta pesquisa, bem como, elucidar as lacunas que ainda permanecem no campo da feminilidade, convidando a comunidade científica a fomentar a discussão.

Sob o aspecto social pretendemos oferecer subsídio teórico-conceitual que possa nortear possíveis entendimentos da mulher na sua dinâmica afetiva – que diz respeito também a sua relação com um outro.

A motivação pessoal pela escolha do tema é desafiadora, porque ao mesmo tempo que fornece respostas à minha feminilidade é geradora de novas

demandas. E de modo particular, pelo fascínio às relações afetivas estabelecidas na contemporaneidade, quando sustentadas pelo desejo.

1. A SEXUALIDADE

1.1. Breve síntese da construção da sexualidade infantil

Para ousar no entendimento da sexualidade infantil é relevante conhecer sua descoberta no campo da ciência psicanalítica. Foi então, observando as histéricas que Freud pôde lançar um novo olhar para o sofrimento psíquico daquelas mulheres, tantas vezes confundidas como loucas ou possuidoras de algum mal espírito. Frente à genuína compreensão de que poderia haver algo lá atrás na infância, o fez ir além dos diagnósticos médicos existentes, construindo por conseguinte o acervo teórico-conceitual que dispomos hoje.

Estudos datados de 1883, quando ainda era pesquisador e, posteriormente por meio de suas experiências clínicas com mulheres consideradas histéricas, fizeram com que Freud começasse a investigar com mais propriedade o fenômeno da sexualidade, manifestado de maneira tão singular e ao mesmo tempo tão diverso entre elas.

Freud acrescentou novas descobertas no campo da sexualidade com as publicações posteriores os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *Análise do pequeno Hans* (1909) penetrando assim o território antes não ousado por outras ciências – o dinamismo da sexualidade do sujeito ainda criança (FREUD, 1905/1909/1996).

Desse modo, para compreender melhor a dinâmica de funcionamento da sexualidade infantil, Freud (1905/1923) articula progressivamente as fases como constituintes do processo de desenvolvimento, acontecendo simultaneamente.

Destacando assim, as fases pré-genitais: oral, anal e fálica, o período de latência e a fase genital, como descrições do desenvolvimento psicosssexual.

As fases fazem parte da constituição psíquica, não sendo necessariamente de ordem cronológica - o processo vai se apresentando de maneira ativa e dinâmica. Cada fase está determinada por uma zona erógena, por um objeto escolhido e pela dinâmica relacional objetal.

Em face das mudanças progressivas no processo de desenvolvimento psicosssexual, advém como destaque o Complexo de Édipo durante a fase fálica, entre os 3 e 5 anos. No Complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino, e o pai é percebido como seu grande rival impedindo-o de acessar seu objeto de desejo. Como o menino não consegue ter a mãe, ele procura ser o pai, para então tê-la, internalizando regras e normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna (FREUD, 1905/1996).

Assim, o menino diante do medo de perder o amor do pai, desisti da mãe, sendo substituída por exemplo, pelas representações sociais e culturais. Acontece portanto, a inversão das figuras de desejo e de identificação. No Édipo feminino é diferente, pois a característica que mais permanece ativa é medo de perder o amor por parte do objeto, por essa razão, denominado de angústia de castração, estando inteiramente ligadas as questões afetivas (FREUD, 1905/1996).

Diante da descoberta da castração instaura um “marco decisivo no crescimento da menina”. Este desenvolvimento parte de três possíveis linhas – “condução à inibição sexual ou a neurose”; “complexo de masculinidade” e por fim “a feminilidade normal” (FREUD, 1936/1996, p. 134).

Sabe-se que os estudos inovadores freudianos, acerca da sexualidade infantil, causaram grande reboição na sociedade europeia de sua época. Com seus

construtos Freud encontrou simpatizantes e opositores, mas não se deixou intimidar e deu continuidade as suas ousadas produções. Era seu sonho ver a psicanálise como uma ciência do presente e do futuro, o visionário conseguiu, pelo menos, entre os amantes de suas teorias.

Pois bem, Freud parece ser mesmo o pioneiro ao apresentar os estágios de desenvolvimento infantil. Os estágios independem de como o sujeito-criança foi rotulado pela cultura dos pais e/ou de seus cuidadores, seja ele menino ou menina biologicamente podemos considerar a existência de um processo psíquico dinâmico aí funcionando.

Corroborando com o pensamento freudiano, Bleichmar (1998, p. 34-35) nos aponta a influência da cultura no processo de desenvolvimento da sexualidade:

A rotulação que médicos e familiares do recém-nascido converte-se no primeiro critério de identificação de um sujeito e determinará o núcleo de sua identidade de gênero. A partir desse momento, a família inteira da criança se posicionará em respeito este dado, e será emissora de um discurso cultural que refletirá os estereótipos da masculinidade/feminilidade que cada um deles sustenta para a criação adequada desse corpo identificado.

Ainda com Bleichmar (1998) acrescenta que uma atribuição inicial errônea quanto ao gênero na criança, pode causar danos psíquicos secundários e, numa tentativa de reversão posterior o resultado não costuma ser muito positivo. Esta correção de *gênero* pode tanto fazer com que o sujeito permaneça na sua identidade inicial, ou talvez, se converta numa confusa ambiguidade. Com efeito, “conhecendo desde o início da vida sua mãe e seu pai, aceitam sua existência como uma realidade que não precisa de investigação alguma” (BLEICHMAR, 1998, p. 34).

A teoria pré-psicanalítica da bissexualidade desenvolvida inicialmente por Freud postula que todos os sujeitos nascem bissexuais. As duas tendências irão permanecer no sujeito, onde uma parte é recalcada ou negada e a outra assume a

direção da vida afetiva do sujeito. Isso não significa que o polo oposto fica totalmente ausente. A sexualidade convoca a ideia de que somos indetermináveis quanto ao gênero (DUNKER, 2002).

Ao falar da bissexualidade, Freud neste primeiro momento de sua construção teórica apresenta a homossexualidade enquanto uma inversão dos objetos sexuais. E se contradiz ao falar desta questão e, numa tentativa posterior pôde retirar o rótulo patológico imposto por ele mesmo, classificando-a no rol das fantasias sexuais. Para Lacan, as escolhas homossexuais dizem respeito a modalidade de gozo, a escolha dos objetos e da sincronia entre desejo e identificação (DUNKER, 2002).

Retomado por Sigmund Freud e por todos os seus sucessores como um conceito central da doutrina psicanalítica da sexualidade, ao lado dos de libido* e pulsão*, foi progressivamente utilizado para designar uma disposição psíquica inconsciente que é própria de toda a subjetividade humana, na medida em que esta se fundamenta na existência da diferença sexual*, isto é, baseia-se na necessidade de o sujeito* fazer uma escolha sexual, quer através do recalque* de um dos dois componentes da sexualidade, quer através da aceitação desses dois componentes, quer, ainda, através de uma renegação* da realidade da diferença sexual (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 71).

Lacan (1960-1) citado por Roudinesco e Plon (1998, p.354) era considerado um “sedutor das mulheres”, ele aceitava tranquilamente as diversas formas da sexualidade humana, tal como se apresentava. Não teve a intenção de acrescentar mudanças nos construtos freudianos acerca do assunto. Com efeito, manteve do ponto de vista conceitual a doutrina freudiana do Édipo e da bissexualidade, dando especial interesse ao estudo da homossexualidade feminina.

1.1. A dinâmica dos primeiros objetos sexuais

Proponho que a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de teu desejo (Jacques Lacan).

A escolha do objeto é uma resolução importante da dinâmica sexual infantil e irá repercutir por toda a vida do sujeito. Freud (1905) introduziu a expressão escolha do objeto, significando o descobrimento ou encontro com o objeto, podendo ocorrer em dois momentos da vida, entre os dois e cinco anos com o Complexo de Édipo e durante a puberdade. Dessa maneira, o primeiro momento é caracterizado pela natureza infantil de seus alvos sexuais. Enquanto o segundo configura-se pelas escolhas sexuais definitivas.

A essa altura, suponho quão importante é ao leitor uma noção breve sobre o Complexo de Édipo e o Complexo de Castração, postulados por Freud e Lacan, isso facilitará para uma mínima compreensão da dinâmica sexual ainda na infância. Saliento que a ocorrência desses fenômenos são percebidos como um acontecimento inconsciente que fazem parte da história de vida do sujeito. Dessa maneira, tais fenômenos, podem oferecer subsídios preciosos para eventuais acessos no nível inconsciente do sujeito adulto presente na clínica contemporânea.

Segundo Freud (1905), a puberdade é o momento do sujeito renunciar aos objetos infantis e partir para os objetos sexuais definitivos. Sendo uma espécie de saída do corpo erógeno para um corpo erotizado, embora as zonas erógenas antes descobertas, podem se manter ativas na fase adulta. Neste caso, pode haver fixação em uma das fases do desenvolvimento psicosssexual.

Uma vez tendo o sujeito escolhido seu objeto sexual, dificilmente o seria convencido de renunciá-lo. As desvantagens estariam ligadas as questões sociais e

ao perigo que isso representava diante da moral da época. Com efeito, esses componentes sociais, morais e/ou religiosos representantes dos instintos de autoconservação, são considerados muito frágeis se comparados aos instintos sexuais aflorados (FREUD, 1920/1996).

Na relação de objeto proposta por Lacan *Seminário livro IV*, o falo está introduzido como objeto privilegiado, não apenas uma parte do corpo que falta à mulher, mas um lugar onde a mulher pode se constituir. Assim o falo não representará o objeto total idealizado no imaginário feminino e é justamente essa falta deste objeto que continuará provocando o desejo que nunca cessa (LACAN, 1956-7/1995).

O objeto em Freud são as representações psíquicas do objeto de amor endereçadas a si mesmo ou a um outro, objetos não fixos nas experiências humanas. O ponto de vista de Lacan concorda com o de Freud nesse sentido, quando o sujeito se dá conta que o objeto que irá satisfazer todos os seus desejos não existe. Com efeito, a inexistência desse objeto imaginário garante melhor dinamismo das atividades psíquicas no âmbito das relações afetivas (FREUD, 1905/1996).

1.2. Os desdobramentos da sexualidade feminina

As descobertas de Freud no campo da sexualidade de 1905 a 1932 são importantíssimas. Os teóricos psicanalíticos, via de regra, as utilizam como base e as instigam quanto a sua problemática, por esta razão, há o constante retorno à teoria freudiana. Aborda-se ao longo da pesquisa a construção de saberes - num

conjunto de pensamentos em forma de espiral, indo e voltando nas suas etiologias, com a pretensa de não esgotar novas descobertas.

Freud (1932-6/1996) ousa dizer que ninguém nasce homem ou mulher – essa discussão será depois sustentada por Simone de Beauvoir (1980). As fases do desenvolvimento psicosssexual vão acontecendo sem estabelecer os caracteres da masculinidade e da feminilidade, que só serão decisivamente influenciados na fase da puberdade, muito embora já se consiga na infância identificar algumas disposições diferentes entre os sexos.

Dolto (1989) oferece um entendimento menos complexo sobre a sexualidade feminina e sua resolução sexual (erótica). Desde os primeiros momentos, todo o afeto envolvido na chegada da menina terá um papel importante para que ela possa “ser aceita e amada como mulher”. E todos os conteúdos projetados inconscientemente sobre essa criança contribuirão para a construção de sua imagem. “O sexo biológico não lhe define ser mulher” – é neste “Espelho mãe” que a menina vai se desenvolvendo, se reconhecendo (p.143).

Freud sugere (1933 apud MOLINA, 2011, p. 133) que “as distinções anatômicas [entre os sexos] deve expressar em consequências psíquicas”. Em outro momento, diz ser a biologia a responsável pelas diferenças psíquicas entre os sexos. Ainda acrescenta o que “constitui a masculinidade e a feminilidade é uma característica desconhecida e a qual foge do alcance da anatomia” (p.123). “De qualquer forma é preciso fazer diferenciar, desde já, feminino de mulher e masculino de homem, pois feminino e masculino são conceitos e mulher e homem são posições de existência” (FREUD, 1933 apud MOLINA, 2011, p.101).

O imenso progresso que a psicanálise realizou na psicofisiologia foi considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano; não é o corpo-objeto descrito pelos cientistas que existe concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito... Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade (BEAUVOIR, 1980, p. 59).

Beauvoir (1980, p.26) reforça a discussão de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, sustentando ser o gênero uma construção cultural. Embora haja necessidade de abordar questões de sexo e gênero para falar da sexualidade feminina; as discussões anteriores aqui apontadas mostram apenas uma breve leitura dessas questões. Para uma compreensão da dinâmica de gênero, seriam necessários criteriosos apontamentos teóricos-conceituais, não sendo pois, o objetivo desta pesquisa.

Para Françoise Dolto (1989) a sexualidade feminina tem suas particularidades, num envolvimento afetivo estão presentes o desejo, o corpo, a pele, o toque, o olhar, o amor. A relação da mulher com seu corpo assume um conjunto de dimensões que a integra, logo, para obter uma relação sexual prazerosa a anatomia feminina comporta certas especificidades. Outro ponto de concordância está presente em Kehl ao trazer à discussão Freud e Lacan em seu livro *Deslocamentos do feminino* (1997), apresentando uma discussão histórica da anatomia feminina – a anatomia como destino.

Será mesmo a anatomia um destino que não se pode mudar? O romance *Madame de Bovary* de Gustave Flaubert (1949) não resta dúvidas de que é possível mudar seu destino, pelo menos, numa tentativa fantasística de se tornar “um outro” sujeito. A sra. Emma suicidou-se, não porque se recusara a uma aventura amorosa, mas sim, por saber que tais aventuras não a fariam alcançar suas aspirações

imaginárias - tornar-se uma das heroínas de suas literaturas românticas (FLAUBERT, 1949 apud KEHL, 1996).

O destino da personagem Emma Bovary tornou-se um sintoma psiquiátrico na visão de Kehl. Ela ainda questiona: *não será este sintoma uma condição do sujeito moderno pela tentativa de se tornar um Outro?* O percurso é indefinido, ilimitado, mas não deve ser cristalizado pelo nascimento (FLAUBERT, 1949 apud KEHL, 1996).

2 FUNDAMENTOS DA HISTERIA

2.1 A histeria como fenômeno da sexualidade

Toda palavra tem sempre um mais além, sustenta muitas funções, envolve muitos sentidos. Atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, há ainda um outro querer dizer, e nada será nunca esgotado (Jacques Lacan).

De suas observações e de posse dos discursos das histéricas, Freud institui de fato a sua clínica psicanalítica. Com elas diante dele, o sofrimento psíquico suscitou numa dimensão que talvez não tivesse sido pensada por outros. O que elas queriam de fato falar através daqueles sintomas apresentados? Não era mais admissível atribuir os sintomas às categorias antes propostas pela ciência médica (FREUD, 1895-6/1996).

Os primeiros estudos de Freud sobre a histeria foram iniciados em 1880, com o fisiologista Joseph Breuer e, posteriormente com o renomado e conhecido médico Jean Martin Charcot, diretor do hospital psiquiátrico Salpêtrière. Charcot atribuía a histeria a homens também, antes dele a histeria era uma doença conhecida como feminina, histeria do grego *híster* e que significa útero. Ora, sendo do útero só podia ser considerada às mulheres na época (FREUD, 1893-5/1996).

Por um lado as histerias eram consideradas uma condição uterina, então a maternidade era concebida como uma maneira de silenciá-las e lhes oferecer o prazer necessário. Para Charcot, essa tentativa de explicar a histeria não era muito convincente e, ele não estava preocupado em curar uma sujeita histérica, mas sim, de demonstrar que seu método hipnótico funcionava (FREUD, 1893-5/1996).

Freud aprende muito com suas histéricas e percebe que suas queixas apresentam no corpo o que era difícil de ser falado, com isso surgia uma importante

questão: *O que estava por trás daqueles sintomas apresentados pelas mulheres histéricas?* (FREUD, 1932/1996).

Freud acreditava que havia de fato um elemento ligado a sexualidade por trás daqueles discursos, embora não acreditasse que na infância, todas elas haviam de alguma forma experienciando eventos sexuais com seus genitores e/ou cuidadores – já que em comum, elas apresentavam uma fantasia de cunho erótico ainda na infância, sendo necessário investigar o trauma (FREUD, 1905/1909).

Assim escutando as histéricas, Freud percebe através daqueles sintomas tão presentes no corpo, que elas queriam dizer alguma coisa e, tinha razão, elas falavam de culpa, amor, ódio e de desejo. Pena que naquele momento, ele não pôde compreendê-las; quando nominou o que não era possível de ser nomeado a *falta*. Atribuindo assim a angústia trazida pela histérica como uma questão relacionada ao pênis – a inveja do pênis! (FREUD, 1893-5/1996).

A *falta* com Lacan, foi um conceito desenvolvido a partir da teoria da castração freudiana. A falta se move em relação ao desejo, nesta dinâmica psíquica inconsciente, as trocas são simbólicas, metafóricas, metonímicas (tentativa de nomear um objeto por meio de palavras). A falta estará sempre presente na vida do sujeito, podendo ser compreendida como a causa de desejo, se apresentando em momentos diferentes e querendo dizer coisas, sempre com o recurso da linguagem (LACAN, 1959-60 apud DUNKER, 2016).

Zafiroopoulos (2009) fazendo uma leitura sobre Freud e Lacan, no que diz respeito à análise do feminino, diz que Freud é pouco convincente, não estando ele mesmo convencido do que escreve a respeito das manifestações sexuais nas mulheres, sobretudo, naquelas histéricas. E quanto a Lacan, resta-lhe argumentar sobre o fato da mulher *ser* ou *ter* o falo.

Tomando como ponto de partida os estudos freudianos acerca da sexualidade, Lacan ousou ir além, subvertendo o próprio Freud. Para ele, os enigmas da sexualidade ocupam outras posições além da histeria: o amor, o ódio, o desejo, o gozo, a culpa, entram numa dimensão da não-linguagem, ou seja, que não tem inscrição na linguagem do indizível. A falta não pode ser nomeada apenas como uma inveja do pênis, mas recebe representações difíceis de comunicar. No real no corpo, não falta nada (VALDIVIA, 1997). Talvez essa noção de *falta* para Lacan responde a Markos Zafiropoulos sobre a questão do *falo*.

Sem provocar uma contradição, mas inconformado com as premissas em Freud, Lacan apresenta um novo entendimento a respeito da inveja do pênis, ampliando o conceito de *falo* inaugurado por Freud. Assim, o *falo* tão inconsciente assume significantes muito subjetivos, podendo ser simbolizado, recebendo tantos nomes, especificidades, lugares, afetos, e até recebe o nome de pênis (VALDIVIA, 1997).

A história da histeria define bem o paradigma psíquico das mulheres frente aos seus desejos sexuais. A histeria sugestionou toda uma lógica psíquica para pensar o sujeito do inconsciente, historizando-o. No entanto, os primeiros estudos sobre a questão começou a causar desconfortos posteriores ao psicanalistas, levando-os a formular novos construtos, exigindo tantas vezes o retorno aos conceitos freudianos iniciais. Com efeito, os tempos são outros e estamos diante de novas formas de subjetivação do desejo feminino muito além das histerias que tanto movimentou a psicanálise.

A histeria foi então denominada por Freud como uma estrutura básica do sujeito, no campo das neuroses conhecida como *neurose histérica*, produzindo enigmas básicos das diferenças sexuais. Se a mulher tinha uma questão sexual não

resolvida, ela logo fazia sintoma histérico (FREUD, 1895/1996). E será que não havia questões de outra ordem, Freud?

Para Kehl (1997) o sofrimento histérico é resultante da crise entre a mulher e suas representações do feminino. A autora critica a tendência da psicanálise teórica e clínica de voltar a naturalizar o lugar do feminino, equiparando histeria e feminilidade. Os recursos fálicos não devem ser vistos como sintomas a serem curados, mas uma maneira da mulher ser e de estar no mundo.

Segundo Kehl, Freud era ambivalente com relação às mulheres e ao feminino, era como se ele escutasse a crise entre a mulher e a feminilidade como coisas separadas necessitando se integrar. Contudo, é possível levá-la de volta a sua feminilidade originária? Mas a crise histórica representaria exatamente a ruptura das condições originárias (KEHL, 1997).

Consideremos que possíveis diferenças nas abordagens psicanalíticas, diz muito do momento e a cultura de cada teórico. Como proposta de uma possível compreensão dos desdobramentos entre eles, segue-se um dos cinco casos clínicos famosos estudados por Freud, sendo intercalado pela visão de outros pensadores, na tentativa de elucidar a gênese do pensamento psicanalítico, a respeito do fenômeno da histeria.

2.2 O caso Anna O.

O caso conhecido como Anna O. de 1880, certamente marcou o início da psicanálise para o então pesquisador Freud. A jovem Anna O. com seus 21 anos de idade era considerada inteligente e de notável dotes poéticos e por seus sintomas e

resoluções, tornou-se, *a posteriori*, numa grande contribuição à psicanálise, fornecendo a Freud valiosos insights no campo do inconsciente. À época foi tratada por Freud e Breuer através do método hipnótico catártico com a finalidade de expulsar, colocar para fora o que estava dentro. Por meio da sugestão a paciente começava a fazer catarse (FREUD, 1893-5/1914/1996).

Joseph Breuer deu uma atenção mais humana ao tratamento das histéricas, embora mais tarde não demonstrasse interesse em tratá-las, haja visto, ter se envolvido com uma de suas pacientes, a Anna O. a quem costumava fazer visitas, sobretudo na ausência do amigo Freud. Estabelecia ali, entre paciente e analista o que hoje se conhece como contratransferência. Freud que juntamente com Breuer a acompanhou pôde dar continuidade ao tratamento, considerando lastimável a conduta do então amigo e médico Joseph Breuer sendo este obrigado a abandonar o caso (FREUD, 1893-5/1914/1996).

Freud, Charcot e Breuer, puderam juntos observar o universo da sintomatologia feminina. Entretanto é Freud quem atribuiu a origem das histerias advindas de questões meramente de natureza sexual. Charcot não compartilhou desse seu ponto de vista e rompeu com o amigo, embora tenha acompanhado seus trabalhos secretamente e com muita admiração (JONES, 1989)¹.

A leitura do caso de Anna O. foi considerada por Freud “mais volumoso do que parecia necessário para uma doença histérica, que por si mesma, não foi de caráter inusitado” (FREUD, 1893-5, p. 76). Ao leitor, o convite de leitura do caso *Estudo sobre a Histeria* (1893/1996) e *História do Movimento Psicanalítico*

¹ Ernest Jones foi biógrafo de Freud, entre suas publicações encontra “A vida e obra de Sigmund Freud” (New York, [1955]/1989).

(1914/1996). Com efeito, Freud observara que os afetos de angústias desempenhavam uma espécie de dominação sobre o distúrbio psíquico de Anna O., mas foi com ela que ele pôde silenciar e ouvir, evitando as interrupções que ele antes fazia.

Com a escuta analítica o lugar reservado às mulheres na cena sexual foi alterado e ampliado. Ouvir as mulheres em pleno século XIX era considerado escandaloso e revolucionário, no entanto, Freud pioneiramente as ouviu como outros ainda não o tinha feito, abandonando o modelo catártico hipnótico proposto por Breuer e introduzindo um novo método de escuta (KEHL, 1997).

Assim, Anna O. nominou de *“talking cure”* do inglês “a cura pela fala” essa maneira de se fazer ouvir pelo outro, no caso ali por Freud seu analista. Ela pediu a Freud que não falasse e só a ouvisse. Emergia o método que o seguiria clínica a fora – a *associação livre de palavras*, considerada hoje a regra fundamental da psicanálise, de onde emerge o discurso inconsciente (FREUD, 1893-5/1914/1996).

Ao fazer este movimento de volta – lá na infância, Freud percebeu ser impossível à descoberta das neuroses, sem que às questões edipianas pudessem ser investigadas; claro que, isso veio à tona depois com novos estudos publicados, alterando construções teóricas anteriores. A relação triangular que organiza a vida psíquica da criança em direção a vida adulta, começou a ter uma importância primeira a Freud (FREUD, 1936/1996).

Retomando ao que Freud havia descoberto sobre as três possíveis linhas de desenvolvimento da sexualidade feminina, o caso Anna O. parece corresponder a “condução à inibição sexual ou a neurose” (FREUD, 1936/1996, p. 134).

Impossível de ser substituído (o pênis), faz-nos remeter àquela cena de Freud e Charcot passeando pelo jardim, onde Charcot cumprimentando uma senhora comenta com o amigo, que a essa senhora histérica não havia cura, já que permanecera virgem mesmo após os vinte anos de casamento, atribuindo assim a histeria conversiva, muito comum na época, como causadora dos conflitos psíquicos por ela apresentados. Em suma, sem relação sexual a senhora estava fadada ao adoecimento incurável (JONES, 1989).

O que tem a refutar a respeito desse comentário de Charcot, Dolto? A relação da mulher com o desejo não se reduz ao sexual, há uma comunicação intrapsíquica permeada pelo corpo, a experiência do gozo não se traduz na consumação da relação sexual, nem tão pouco da primazia do *falo* (pênis) freudiano (DOLTO, 1990).

A dominação masculina fica clara em Freud, onde o órgão genital masculino assume um papel principal, como se este papel fosse simplesmente natural. Logo, este pedacinho de carne a mais, faz estabelecer a grande diferença entre o feminino e o masculino, cujos prazeres no homem serão invejados pelas mulheres que não os poderão obter em função desse “pedaço de carne pendente” (FRANCISCO; SOUSA FILHO, 2001).

Retomando aqui, o *falo* também atribuído por Freud como o pênis, não é encontrado com muita frequência em sua obra; sua forma adjetiva aparece como fálico(a), como expressões: primazia fálica e/ou fase fálica. Ao utilizar o nome *falo* ainda que o referindo ao pênis, Freud sustenta que não se trata da primazia dos órgãos genitais (FREUD, 1923/1932, apud BONFIM, 2014).

Na perspectiva freudiana, embora tantas vezes *falo* e pênis se confundem, para ele o órgão genital não é o organizador da sexualidade humana, existe toda uma “representação psíquica imaginária e simbólica a partir dessa região corporal”. Com efeito, é inevitável que a partir da anatomia humana, do discurso dos

outros que a diferença na criança fica estabelecida, se menina – está presente a falta, a feminilidade, o enigma; se menino – é o portador do pênis e da virilidade. Ambos, possuem o *falo*, cujos desdobramentos far-se-á a partir da interpretação de cada sujeito do inconsciente (FREUD, 1923/1932, apud BONFIM, 2014, p. 2-3).

Diante das implicações psíquicas no feminino entre ter ou ser o falo, a discussão da histeria continua com Freud. A histérica freudiana reprime suas demandas de desejos em face das proibições advindas do Complexo de Castração, com isso originando a *neurose histérica*, permitindo a Freud desenvolver assim sua teoria acerca do recalque (ANDRÉ, 1998).

Frente à problemática da feminilidade “existiria algum outro caminho para a mulheres que não o da histeria e da frigidez?”. É o que levou Freud a modificar a teoria sobre a feminilidade, propondo a polaridade da libido constitutiva na natureza masculina e feminina, embora a feminilidade permaneça como um destino difícil de decifrar (ANDRÉ, 1998, p.290). Para tanto, a discussão segue em busca de uma fagulha de luz.

3 A FEMINILIDADE

3.1 Um olhar sobre a mulher

A feminilidade por seu fenômeno é algo que ainda instiga a comunidade psicanalítica, um mistério a ser desvendado cada vez que algo novo irrompe na história. O próprio Freud (1936/1996) assume o quão difícil foi investigar a sexualidade feminina em sua complexidade e profundidade. Sexualidade feminina e feminilidade um “continente obscuro” deixado para ser compreendido pelos poetas ou pela continuada interpelação da ciência psicanalítica, enfatiza.

Logo, por ser a mulher de sexualidade feminina não a torna necessariamente feminina, assim como os homens por sua sexualidade masculina não o são necessariamente masculinos (FREUD, 1932/1996). Nesse segundo momento, depois de publicar outros trabalhos, o pensamento freudiano muda quanto a concepção subjetiva dos sexos, convergindo com outros pós freudianos, sobretudo, pelas psicanalistas e feministas. Mas não se pode negar que suas bases teóricas é o grande ponto de partida às análises contemporâneas.

É Lacan que vai apresentar uma releitura de Freud, avançando no conhecimento sobre a mulher e o feminino, apontando assim gozos correspondentes e para além da primazia do falo (MAGDALENO JÚNIOR, 2009).

Na tentativa de ilustrar algumas diferenças conceituais, apresenta-se a seguir um pequeno recorte deste vasto universo feminino. Os apontamentos buscam dialogar entre si, sem no entanto, excluir a subjetividade de cada sujeito sobre a mulher freudiana, diga-se de passagem e, a mulher contemporânea.

O pensamento ocidental final do século XIX e início século XX, sobretudo, nos países europeus pretendia simplificar os papéis de homens e mulheres, homem

é pai e mulher é mãe. A família era constituída de pais e filhos – a família nuclear moderna garantiria maior estabilidade das relações no mundo do trabalho segundo Kehl (1997). A autora ainda destaca:

A sexualidade feminina teria aspectos ameaçadores para o homem, que deveriam ser reprimido desde cedo pela educação para que ela pudesse, por um lado, estimular a virilidade masculina e por outro, desempenhar a contento os papéis de esposa e mãe (KEHL, 1997, p.84).

Segundo Kehl (1997) essa forma simplista de conceber a mulher, embora de fato ela nunca fora, a tornou mulher do sexo frágil, ou do “segundo sexo” como denomina Beauvoir (1980) criando o mito do mistério feminino e que ainda permanece em aberto, como se houvesse sempre um grande segredo a ser desvendado; embora Freud (1933) afirma qual impenetrável e obscura é a sexualidade feminina. Com efeito, os sacrifícios de sua natureza sexual não foram garantia de condições psicológicas saudáveis, do contrário não teria Freud descoberto as histéricas.

No universo masculino em que a mulher esteve presente, sua importância primeira estava relacionada ao prazer sexual, especialmente no processo de reprodução. O prazer feminino e quem sabe um orgasmo seguidos de uma fecundação, eram tidos como um troféu (ALMEIDA, 2012). As mulheres não precisavam falar do que sentiam, e o que importava aos homens?

Bastavam-lhes um corpo; apenas um corpo feminino. Havia uma passividade em relação aos desejos e as necessidades dos homens e naturalmente, dos filhos. Essas restrições pareciam definir a natureza das mulheres (ALMEIDA, 2012).

Para dar lugar à mulher e sua relação com o desejo sexual para além do sentido de passividade [objeto] pelos homens e, do cumprimento de papéis morais,

religiosos e sociais impostos e exigidos nas diferentes esferas da cultura e sociedade, foram necessárias muitas lutas, as quais não terminaram.

As mulheres hoje são beneficiadas pelas conquistas alcançadas inicialmente pelos movimentos feministas do século XX, que tanto lutaram por igualdades, autonomia e direitos. Há um legado herdado, sobretudo, pelas pioneiras do mundo do trabalho. E com o advento da pílula anticoncepcional pôde enfim gozar de uma liberdade sexual não mais voltada à submissão do matrimônio imposta séculos anteriores, em particular século XIX. Já era possível viver seus prazeres sem que precisasse conceber o casamento e consequentemente a maternidade (KEHL, 1997).

Se por um lado havia essa submissão da mulher à constituição de família, dos desejos reprimidos; por outro hoje se vê a mulher, por seu corpo feminino, num espetáculo mediático. Um século depois, a interdição sexual até o casamento não é mais uma regra da cultura ocidental. E se a histeria era uma condição de simbolização de questões sexuais reprimidas, o que dizer hoje das mulheres na clínica quando se escuta: eu quero voltar a ser mulher ou o que eu faço para voltar a ser mulher? (KEHL, 1997).

Questiona Kehl (1997) será o reflexo dessa insubmissão masculina o causador desta angustia atual? Bem, o paradigma parece ter mudado, mas ao mesmo tempo é gerador de novas demandas sexuais. Por hipótese, a fluidez do sexual causa a frágil sensação de haver sempre algo novo a ser experimentado no campo das relações afetivas.

E falando em mudança de paradigma, segundo Kehl (1997) o discurso moderno da mulher não está mais associado às curvas do corpo, a mulher se posiciona na vida com outros recursos, como o da linguagem. A mulher com suas

curvas femininas, sempre serviu de grandes inspirações no mundo das artes. Estava lá o corpo nu, presente nas esculturas, nas pinturas, na política, nos teatros. De alguma forma, *e/e*, apresentava-se como um objeto de desejo aos homens, hoje a mulher encontra-se também ativa na relação de amor e desejo.

O corpo feminino cujas características eram endereçadas somente às mulheres era palco das mais eloquentes fantasias masculinas, pelo menos, só era permitido aos homens confessá-las. Na contemporaneidade, as mulheres falam de seus desejos, confessam suas fantasias com homens e mulheres, sem medo e tantas vezes sem culpa, mostrando assim um novo cenário na cena sexual (ALMEIDA, 2012).

A crescente configuração afetiva vem oferecendo inúmeras maneiras de experienciar o próprio desejo e o desejo do desejo do outro. A mulher freudiana reprimia demais seus desejos, na verdade, eles não podiam ser manifestos se estivessem contrários às regras sociais, culturais, morais e religiosas, como já vimos. Elas não falavam, mas o corpo gritava por dentro e seus desejos escoavam sem dó. Com efeito, o que era para ser prazeroso convertia-se numa fonte de angústia e dor, elas adoeciam por amor.

A mulher desejada pelos homens sai da posição passiva [objeto] e passa a ser mulher desejante [ativa] – indo atrás de seus prazeres. Claro que esse paradigma muda a concepção inicial, sobretudo a freudiana, da mulher frente a eterna angústia da castração, elegendo o pênis como seu único recurso dos prazeres sexuais. Apresentar a mudança de posição da mulher hoje, demarca bem a estruturação da feminilidade, “colocando em evidência o elemento ativo da relação da menina com sua mãe” lá no édipo (MAGDALENO JÚNIOR, 2009, p.2).

O tratamento de Dora, um dos casos clínicos acompanhados por um Freud mais maduro, não evitou posteriormente o motivo pelo qual ele a perdeu - sua crença simplista que Dora queria um homem, o Sr. K., quando na verdade ela estava intrigada com o corpo de outra mulher: a Sra. K. Com efeito, a sintomatologia de Dora alterou concepções inaugurais acerca da descoberta que se passa na pré-histórica do Édipo da menina (FREUD, 1931 apud MAGDALENO JÚNIOR, 2009).

O afastamento de Lacan com Freud, parte deste ponto “quanto à possibilidade de utilizar-se do falo exclusivamente para a compreensão do feminino”. A mulher se constitui também a partir de um outro lugar, nem sempre reconhecível. O falo assume significantes na ordem do simbólico, assim o falo não cobre um vazio ou um furo, mas o faz surgir com um mais-além na experiência dos desejos. Exatamente a partir da possibilidade de abertura a outros gozos além do fálico que torna a mulher, Mulher (LACAN, 1964 apud MAGDALENO JÚNIOR, 2009, p. 5).

3.2 O desejo e o gozo feminino

Sem o desejo e sem o gozo, as noções de vida e morte não teriam nenhum sentido... o gozo só começa a existir e só nos interessa a partir do momento em que falamos dele. E pelo ato da palavra, ele sofrerá uma profunda modificação (VALAS, 2001, p.8).

Segundo Valas, Freud utiliza duas terminologias para falar de desejo, a primeira *Wunsch* em alemão quer dizer desejo ou voto e a segunda é *Lust* para falar de prazer. Com *A Interpretação dos Sonhos* (1900) a noção de desejo fica mais clara com Freud, quando explica que os sonhos são formações do inconsciente onde o desejo é realizado pela via do prazer, quer seja no corpo ou fora dele (FREUD, 1900, apud VALAS, 2001).

Segundo a lógica freudiana o desejo e a necessidade estão longe de serem sinônimos, cada um pertence a um registro psíquico próprio. A necessidade pode ser satisfeita, como por exemplo, sentir fome e poder comer alguma coisa, sentir sede e poder beber, sentir frio e poder se cobrir e assim por diante (FREUD, 1905/1996).

O desejo pertence ao registro inconsciente e sua realização não é uma necessidade, sendo o desejo sempre na ordem do sexual. Com efeito, sendo o desejo uma lógica sexual, ele visa a satisfação, no entanto, a satisfação inconsciente pode não ser sentida como prazerosa a consciência, assim como uma satisfação consciente pode ser percebida como não prazerosa ao inconsciente (FREUD, 1900-5/1996).

Ainda em *A Interpretação dos Sonhos* (1900-1) vemos a satisfação de um desejo como de natureza sexual, manifestado especialmente através dos nossos sonhos e de nossas fantasias, sendo a satisfação do desejo orientada por traços mnêmicos. Com efeito, “o objeto escolhido nunca é mais do que um objeto reencontrado em relação ao objeto primeiro (aquele que presidiu a primeira experiência de satisfação), perdido para sempre”, o resultado do sonho por exemplo, pode se apresentar bem confuso à cena primordial (FREUD, 1900-1 apud VALAS, 2001, p.12).

Lacan apresenta uma orientação diferente dos psicanalistas tradicionais, e emprega o termo *Begierde* para falar de desejo, a partir da publicação da *Fenomenologia do espírito* de Hegel, assim, o desejo significa neste primeiro momento “apetite”, “tendência” sempre atravessados por um outro (desejo do desejo do outro); Freud já nega este reconhecimento (desejo) de si através de um outro atravessado (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983).

... na terminologia lacaniana, a necessidade, de natureza biológica, satisfaz-se com um objeto real (o alimento), ao passo que o desejo (*Begierde* inconsciente) nasce da distância entre a demanda e a necessidade. Ele incide sobre uma fantasia, isto é, sobre um outro imaginário (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 147).

O desejo inconsciente não é um fenômeno fácil de ser compreendido, tanto o é complexo que foi postulado em diversos trabalhos pelos mesmos teóricos. Tenha ele (o desejo) meta sexual ou não; sendo atravessado por um outro ou não; ele sempre cai no campo do indizível.

O desejo sendo articulado com o sexual via falo, resta que o significante não permite dizer tudo sobre o desejo, mesmo que este se determine a partir da estrutura linguageira incorporada. Mas nem tudo é significante para o sujeito (VALAS, 2001, p. 28).

Somente “um desejo é capaz de colocar o aparelho psíquico em movimento” este movimento é regulado pelas sensações de prazer e desprazer o tempo todo, faz parte da vida dinâmica. Diante dos conflitos, o sujeito mobilizará seus recursos psíquicos para melhor administrá-los. É este movimento psíquico que nos mantém vivos (FREUD, 1900-01).

O desejo é um movimento psíquico, partindo de uma experiência de desprazer (acúmulo de excitações) e segue em busca do prazer (descarga dessa excitação), sempre em busca de repetir a primeira experiência de satisfação, com resquícios dos traços mnêmicos (FREUD, 1900-01).

Kehl (1997) oferece a partir das escutas analíticas, respostas ou pelo menos, tentativas para responder: o que querem as mulheres? Para ela, a expressão do desejo é construção de sua própria identidade, seja mulher, homem,

feminina(o) ou masculino(a). E diz respeito a outra questão: estar ou não autorizada(o) a sentir prazer, evidenciando também a cultura do desejo como algo que marca o sujeito.

Elas desejam o desejo, continua Kehl. E cada tentativa de construção de sua própria identidade se faz a partir do desejo que experienciam. Neste sentido, a palavra desejo traz em si inúmeras possibilidades. Uma mulher pode se sentir feminina ou não, não é o sexo que a determina enquanto tal, haja visto, ser diferente falar de mulher e feminilidade.

Podemos inferir a partir de alguns conceitos, que o desejo da mulher sempre esteve ligado a uma insatisfação ou ao impossível.

Na década de 70 quando Lacan desenvolveu a *Teoria da Sexuação*, nos Seminários 20 e 21, ele dividiu o gozo feminino em duas modalidades: Gozo feminino – caracterizado por um gozo não-todo fálico, um gozo que está para além do corpo e que não entra na linguagem. E o outro Gozo fálico com a característica de se colocar em posição diante do gozo e até de renunciá-lo (LACAN, 1972-3/1988).

O Gozo não é um destino das mulheres, mas de toda a espécie humana. Lacan (1972-3) encontra embasamento para diferencia-lo em diversas modalidades. Podemos citar por exemplo o gozo místico – comum às experiências religiosas, o gozo do grande Outro.

Na dinâmica dos afetos muitos conceitos vão sendo construídos na tentativa de compreender cada movimento psíquico, manifestado pelo sujeito na sua história de vida. Conceitos que se complementam, abrem novas possibilidades de entendimentos, alargam horizontes e tantas vezes ampliam a percepção do sentido

da vida humana. Neste trabalho, os conteúdos inconscientes remetem à questão do desejo feminino, compreendendo nele o desejo sexual também. Ao falar de desejo é impossível não tratar das experiências de dor e de amor.

4 UMA FICÇÃO CINEMATOGRAFICA E A PSICANÁLISE

4.1 O filme *The firefly* sob a ótica psicanalítica

As profundas transformações nas últimas décadas, vêm modificando as múltiplas dimensões da vida de mulheres e homens e alterando concepções de suas práticas sexuais. São sugestionadas inúmeras possibilidades de viver prazeres e desejos corporais, essas práticas estão o tempo todo sendo renovadas, “reguladas, condenadas ou negadas” (LOURO, 2000, p. 12).

O filme de título em inglês *The firefly* é uma produção colombiana de 2013, que conta a trama de três jovens entre 28, 30 e 33 anos. [Os irmãos Andrés e Lúcia cresceram juntos na companhia do pai. A mãe de Andrés morre de parto com seu nascimento quando sua irmã Lúcia tinha aproximadamente três anos de idade. Andrés seu irmão caçula costumava se intitular de “um monstro” por ter matado sua mãe. Os relatos iniciais desta história são contados como lembranças por Lúcia à Mariana. Lúcia não perdoou o irmão Andrés por não comparecer ao funeral do pai. Andrés e Lúcia ficaram quase três anos sem se falar. Andrés vai se casar com Mariana e fala para o amigo que não poderia deixar de trazer a irmã para a cerimônia. Ao ir ao seu encontro no dia de seu casamento sofre um acidente de trânsito fatal. Mariana a noiva à beira do altar, ao saber da notícia sai desesperada pelas ruas da cidade com seu vestido de noiva. Lúcia vai ao cemitério com o marido, mas não consegue acompanhar o funeral do irmão e começa a compreender o porquê do irmão Andrés ter resistido ao enterro do próprio pai. Após a morte súbita do irmão, Lúcia e Mariana se encontram pela primeira vez no apartamento que era do Andrés, levam um susto ao se verem. Mariana estava deitada na cama trajando o vestido de noiva. O encontro das duas é marcado por angústia. Mariana sente-se sufocada e Lúcia ajuda-lhe a retirar o vestido. A convivência faz com que Mariana e Lúcia descubram afinidades, se veem confusas, confessam não estar entendendo o

que se passa com elas, nem conseguem nomear, mas era recíproco o desejo de ficar perto uma da outra. A experiência do luto é sentida como muito dolorosa e, juntas procuram encarar a ausência de Andrés do qual elas tanto amavam. A relação entre as duas fica cada vez mais próxima e intensa; passam dias juntas no mesmo apartamento. Lúcia diz entender porque seu irmão se apaixonou por Mariana, vendo-a como uma mulher incrível, já Mariana encontra em Lúcia características que a faz lembrar o noivo. Mariana e Lúcia vivenciam uma primeira relação sexual depois de passaram um final de semana num lugar maravilhoso. Apaixonadas resolvem viver juntas porque não se imaginam longe uma da outra. Declaram-se uma a outra com “eu te amo”. Lúcia pede o divórcio ao marido sem nada contar-lhe. Lúcia pôde saber através de Mariana o quanto seu irmão Andrés a amava e que tentou chegar a missa do falecimento do pai e, descobre assim o quanto o amor entre eles era recíproco e intenso apesar da distância. Lúcia recorda dos pesadelos que tinha na infância “era um monstro que atacava o irmão” e, após a morte do irmão voltou a ter os mesmos pesadelos. O romance entre as duas jovens é marcado por descobertas antes não vivenciadas. Decidem que vão viver juntas, Mariana descobre que está grávida do noivo falecido, Lúcia beija a barriga de Mariana. Uma nova configuração familiar se estabeleceria ali].

Pode-se inferir muitas questões acerca da relação contida na narrativa fictícia apresentada e das transformações apontadas pela Louro (2000). A propósito trago à luz as contribuições psicanalíticas na tentativa de compreender, quem sabe, a dinâmica afetiva em torno das personagens Lúcia e Mariana.

As jovens Lúcia e Mariana 33 e 28 anos respectivamente, não haviam experienciado uma relação afetiva e erótica como esta. Ora, Mariana não tinha dúvida do quanto amava seu noivo Andrés e que gostaria de dividir uma vida inteira

juntos. Lúcia estava insatisfeita num casamento de sete anos, com um marido que se preocupava mais com sua própria ascensão profissional.

Um encontro marcou a vida afetiva de duas mulheres heterossexuais. E se não tivesse acontecido este encontro, este desejo de estarem juntas e de experimentar a relação sexual, se manifestaria de alguma forma? Hipoteticamente, poderíamos inferir que esse desejo sexual emergido na relação é algo que já era latente na história de suas sexualidades e/ou uma decisão consciente das duas mulheres ali, que resolveram vivenciar uma experiência como esta.

Em seu artigo *Sexualidade feminina* Freud renuncia às descobertas sobre as consequências das diferenças sexuais anatômicas anunciadas em 1925 e dá nova ênfase à intensidade e longa duração da ligação pré-edipiana da menina à mãe, propondo uma detalhada análise dos conteúdos psíquicos ativos envolvidos na atitude da menina com a mãe e na dimensão da feminilidade. A probabilidade de um percentual de mulheres demorarem em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens, evidencia a dificuldade de completarem a mudança de objeto (FREUD, 1931-3/1996).

No início da relação afetiva, elas sequer sabiam nomear o que estavam sentindo uma pela outra “é confuso, não sei explicar” – disse Mariana à Lúcia. Para Lacan os enigmas da sexualidade ocupam outras posições além da histeria, o real é impossível de ser nomeado. No campo das identificações comporta-se também a linguagem do amor, do ódio, da culpa e do desejo, há um desdobramento do gozo feminino, estando o gozo ao lado do amor (VALDIVIA, 1997).

Os significados vão sendo construídos pelo sujeito. O sujeito fala para expressar o que quer através de seus significantes simbólicos. O desejo

inconsciente manifesta num lugar que nem sempre será ocupado por uma linguagem que o faça compreender - “é confuso, não sei explicar” (MOURÃO, 2011).

Lacan citado por Mourão (2011), apresenta três desdobramentos da dinâmica psíquica do sujeito em relação ao campo das relações subjetivas, a necessidade a demanda e o desejo. O desejo não é uma necessidade, mas habita *nele* a ânsia, a vontade e uma voracidade desconhecida de o realizar.

A demanda é inconsciente, como se o sujeito pudesse verbalizar: *o que eu estou pedindo naquilo que estou pedindo?* A demanda diz respeito aos significantes retidos na história do sujeito, foi aquilo que ele pediu e de certa maneira ficou na espera. E cada vez que o sujeito se vê diante de uma falta há o retorno à história dos seus pedidos, da história dos seus amores impossíveis (DUNKER, 2017).

A aproximação entre duas mulheres, diante de uma situação de abandono – uma com o noivo agora morto e o outra um marido ausente – e porque não considerá-lo também morto? O que eles representavam a elas? Magdaleno Júnior (2009) fazendo uma releitura lacaniana aponta-nos:

O problema da menina é *como* se constituir a partir da ausência, como balizar as intensas e violentas sensações que partem de seu interior e não encontram nenhuma representação onde ancorar... Portanto, a falta de um significante feminino implica um árduo trabalho de constituir-se a partir do vazio, do furo, em meio a turbulentas revoluções internas. Mas é isso que, por outro lado, abre caminho para um outro gozo, além do fálico, que é o que torna..., a mulher, Mulher (MAGDALENO JÚNIOR, 2009, p. 6)

[... Mariana e Lúcia se apaixonam e resolvem viver juntas porque não se imaginam longe uma da outra...] diante da *falta*, o Outro é integrado, não como “uma pessoa, mas como um lugar” o lugar da *falta*. O lugar ocupado por esse Outro constitui num “lugar onde o sujeito depende e do qual se constituiu, refere-se a um

vazio”, ainda que atravessado pelo Outro, sempre na ausência deste estará ali seu vazio – o mesmo vazio originário das suas demandas de amor e reconhecimento; ainda que inconsciente jamais será preenchido, pois é o desejo o causador da própria *falta* (MOURÃO, 2011, p.71).

[... Mariana e Lúcia se apaixonam e resolvem viver juntas porque não se imaginam longe uma da outra...]. Na resolução do Complexo de Édipo, embora a mãe se apresenta como o primeiro objeto de amor, há ainda o ressentimento da menina com relação a mãe por não tê-la dado um pênis. Prevalece duas etapas no Édipo feminino, a primeira onde a “mãe é o objeto de amor da criança e o clitóris a zona erógena análoga ao órgão genital masculino” (FREUD, 1931/1996).

O fato de uma relação se estabelecer entre as personagens Lúcia e Mariana, não significa uma não resolução edipiana feminina. Não estamos diante de uma homossexualidade enquanto estrutura, mas talvez de uma fluidez própria da sexualidade feminina.

Como destaca Dolto (1990) o prazer feminino está além da relação sexual, a afetividade feminina comporta elementos tão essenciais e importantíssimos para uma relação a dois. Aqui, antes mesmo das personagens experimentarem o ato sexual houve todo um envolvimento afetivo, estavam presentes o toque, o olhar, a pele, o cheiro e, tudo se fundiu à cena sexual.

O desejo é inconsciente, sexual e infantil, um provocador de novas demandas. E cada vez que o desejo é realizado no imaginário do sujeito, logo, surge outro novo desejo.

[...Mariana e Lúcia vivenciam uma primeira relação sexual depois de passaram um final de semana num lugar maravilhoso]. *O desejo sexual pode ser legítimo entre duas mulheres, sem a presença-ausência do falo?* Não há material

para uma possível análise das personagens, por serem fictícias. Mas considerando as subjetividades femininas, podemos supor que a legitimidade de um desejo sexual independe do encontro dos órgãos genitais biológicos.

A escolha do filme *The firefly* provoca questionamentos e deslocamentos, podendo ser compreendido como uma temática de homossexualidade, de luto, de relações sexuais momentâneas, entre outros aspectos, cabe ao leitor seu olhar subjetivo diante das personagens cinematográficas. A intenção primeira, fora de apresentar como o desejo sexual mobiliza dois sujeitos (mulheres) ao ponto de ceder de suas convenções sociais e o vivenciar na pele.

Suponho que, diante de uma perda tão significativa para as duas personagens (Lúcia e Mariana), a angústia da castração pôde ser reatualizada – o enigma da falta! Renunciar a este desejo sexual que uma sentia pela outra, seria como legitimar uma nova angústia.

Lúcia, Mariana, Anna O, Dora, Madame Bovary e tantas outras. O que tinham essas mulheres em comum? Elas falaram de amor, de culpa, de ódio e de desejo, numa linguagem psíquica inconsciente e imaginária de seu próprio corpo.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi compreender como o feminino é visto sob diferentes pontos de vista e como a mulher lida com seus desejos sexuais. No entanto, a questão do desejo sexual aparece como algo que integra a dinâmica psíquica afetiva e não como um conteúdo separado.

A compreensão da constituição psíquica do universo feminino, a propósito da pesquisa, é importante para oferecer subsídios que norteiam as questões trazidas por elas no contexto das análises.

Ao falar da feminilidade, inevitavelmente, dois momentos cruciais dividiram seu percurso histórico – o primeiro com as histéricas, como se a causa de seus sintomas fosse a falta de prazer sexual (orgasmo) ou da angústia de se entregar ao desejo do outro. E o segundo, de uma possibilidade de pensar a mulher além de seu desejo sexual, mas aquela capaz de reinventar seus próprios desejos. Vimos a mudança de paradigma entre a mulher freudiana do séc. XIX e a mulher contemporânea.

Hoje podemos considerar que existem vários tipos de histerias, se fizermos uma releitura a partir de Freud até chegar aos pós-freudianos. As histéricas surgem na clínica sem saber o que pedir e o corpo continua em evidência.

As repressões sexuais foram tomando novos caminhos. Hoje estamos muito mais diante de um espetáculo mediático do corpo, convertido numa estilística erótica desejante. O gozo antes renunciado pelo véu da castração agora é substituído pelo mais gozar. Novas demandas de desejo surgem e o sujeito se vê

numa experiência de sem sentido diante da própria vida. A fluidez do sexual é geradora de novas e novas demandas.

No seu percurso histórico assistimos a histeria sendo desmistificada, podendo ser olhada de uma forma muito mais ampla. A feminilidade comporta outras especificidades de natureza não sexual também. Vimos a importância da relação para o estabelecimento das condições psíquicas favoráveis.

O sujeito é por sua constituição psíquica um ser faltoso e desejante e só o desejo é capaz de movimentá-lo. *Você quer o que você deseja?*

Na clínica contemporânea com as mulheres a escuta é fálica, cabe ao analista a interpretação simbólica da castração. Ao mesmo tempo que a mulher conquistou muitos espaços e lugares, parecem algumas marcadas pela ideia de não terem nada a perder – já que são castradas mesmo! Isso responde talvez, uma das perguntas surgidas no corpo do trabalho: *essas mulheres, nesse momento na clínica estão de fato querendo voltar a ideia de que os homens são seus salvaguardas?*

A intimidade revelada na contemporaneidade traz uma ressignificação do desejo. As personagens Lúcia e Mariana, do filme que ilustra a discussão, já adultas, com uma vida sexual, hipoteticamente, bem resolvida e que no entanto se lançam a uma experiência de desejo antes não vivenciada. Estavam elas, mulheres e femininas, entregues de corpo e alma ao desejo do desejo da outra, o ato sexual foi consequência de uma dinâmica afetiva já estabelecida.

Lacunas emergiram diante da relação afetiva e sexual apresentada no filme. Tudo bem, essa história é fictícia, mas não está longe das inúmeras configurações sexuais entre mulheres hoje. O fato de se relacionarem já adultas com outras mulheres não se constituem como homossexuais e talvez contrariem a tríade edipiana e o construto da inversão dos objetos, sustentados por Freud.

Por este trabalho, pude perceber quantas rupturas passou a mulher. Seus desejos não precisam mais ser reprimidos ou recalcados como antes. A cultura moderna garante melhor espaço para a elaboração das questões sexuais. Outra questão importante é que feminilidade e o feminino não são sinônimos, embora esta pesquisa tenha tomado como exemplo mulheres que se sentiam femininas e se expressavam de alguma forma pela sua feminilidade.

E quanto à histeria na contemporaneidade ela pode expor um conflito afetivo atual que lhe é próprio. Cabe aos históricos, diga-se de passagem, conviver com seus recursos fálicos não como uma patologia, mas como uma saída inconsciente, em face da multiplicidade e possibilidades de escolhas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. M. de. Feminilidade: caminho de subjetivação. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte, n.38, p.29-44, dez. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em; 16 set. 2017.
- ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BLEICHMAR, E. D. **O feminino espontâneo da histeria**: estudo dos transtornos narcisistas da feminilidade. São Paulo: Artes Médicas, 1998.
- BONFIM, G. F. Perspectivas sobre o escrito lacaniano: “a significação do falo”. **Analytica**, São João Del-Rei, v. 3, n. 5, p. 15-24, set. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972014000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 nov. 2017.
- DOLTO, F. **Sexualidade feminina**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- DOLTO, F. **Introdução à obra de Françoise Dolto**. Tradução de Michel H. Ledoux. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- DUNKER, C. I. L. **O cálculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta, 2002.
- DUNKER, C. I. L. **Falando nlsso**. São Paulo: Zagodoni, 2017.
- FRANCISCO, A. C.; SOUSA FILHO. A. **O falo é igual ao pênis?** Considerações críticas sobre uma equação ideológica. IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, p. 1926-1929. São José dos Campos. V.13 n.24 out. 2006 revista Univap.
- FREUD, Sigmund (1893-1895). **Estudos sobre a Histeria**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. II. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1900). **A Interpretação dos Sonhos**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. IV. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1905). **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. VII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1909). **Análise de uma Fobia em um Menino de cinco anos**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. X. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1920). **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XVIII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1923). **A organização genital infantil** (uma interpolação da teoria da sexualidade). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1924). **A dissolução do Complexo de Édipo**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XIX. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1931). **Sexualidade Feminina**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund (1933[1932]). **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise**. In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira, vol. XXII. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

JONES, E. **A vida e obra de Sigmund Freud**. 2ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

MAGDALENO JÚNIOR, R. **A construção do feminino**: um mais-além do falo. J. psicanal., São Paulo, v.42, n.77, p. 89-106, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S0103-583520090002000077&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 12 set. 2017.

KEHL, M. R. **A mínima diferença**. 2ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2ed. São Paulo: Boitempo, 1997.

LACAN, J. ([1956-1957]). **O seminário, livro 4: Relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. ([1958]). **A significação do falo**. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, J. ([1960-1]). **O seminário, livro 8: A transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, J. (1972-1973). **O seminário, livro 20: mais, ainda**. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 5ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LOURO, G. L. **Pedagogias da Sexualidade**. In: O Corpo Educado – 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOLINA, J. A. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MOURÃO, A. **Uma aventura no território da falta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. São Paulo: Zahar, 1998.

VALAS, P. **As dimensões do gozo: do mito da pulsão à deriva do gozo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

VALDIVIA, O. B. Psicanálise e feminilidade: algumas considerações. **Psicologia ciência e profissão**. vol. 17, n.3, pp. 20-27, mar, 1997. Disponível em <http://www.scielo/pdf/pcp/v17n3/04.pdf>.> Acesso em: 28 jul. 2017.

ZAFIROPOULOS, M. A teoria freudiana da feminilidade: de Freud à Lacan. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 31, n. 58, p. 15-24, set. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952009000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 out. 2017.